

# Povos Indígenas no Brasil

Fonte Revista Visão

Class.: 590

Data 24/05/89

Pg.: \_\_\_\_\_

## ÍNDIOS

### A conquista da cidade grande

Líderes indígenas ganham espaço para reuniões em São Paulo.

■ O Núcleo de Cultura Indígena de São Paulo, ligado à União das Nações Indígenas (UNI), que congrega representantes de várias tribos, acaba de ganhar uma casa onde será instalada uma verdadeira embaixada para os índios brasileiros. Trata-se da antiga Casa do Sertanista, localizada no bairro paulistano do Caxingui, de onde partiram os primeiros bandeirantes para ocupar o interior do país. "Nós gostamos muito da casa, não só pela localização, como pelo significado histórico", diz Ailton Krenak, que deixou sua aldeia no Município de Resplendor, em Minas Gerais, para trabalhar pela UNI — da qual é o coordenador-geral —, junto com líderes de outras tribos, e tentar salvar o que resta da cultura indígena. "É nesta casa que os índios querem conversar seriamente com o homem branco, ensinando-o a preservar a natureza."

A Casa do Sertanista, no entanto, está em reformas e com enorme dificuldade de conseguir verbas para a conclusão da obra. Os responsáveis pelo núcleo esperam ajuda da iniciativa privada, que poderia beneficiar-se da Lei Sarney de incentivo à cultura. "Vamos aceitar ajuda da iniciativa privada porque assim não haverá dependência nem tutela", diz Krenak.

Mesmo sem poder ocupar o imóvel como seria de seu agrado, os índios já realizaram a cerimônia da pajelança, um ritual cuja intenção é pacificar o espírito que ali viveu até agora. Enquanto não podem instalar-se na Casa do Sertanista, os integrantes do Núcleo de Cultura Indígena ocupam um espaço cedido pelo Instituto Sedes Sapientiae, mas que já se tornou pequeno para acolher o grande número de índios vindos de todos os cantos do país para encontros e reuniões.

Educar o homem — "A única forma de acabar com a ação devastadora dos madeireiros, garimpeiros, mineiros, posseiros e fazendeiros é educá-los. Não adianta brigar", diz Krenak. "Será que eles sabem qual será a consequência de seus atos? No futuro eles vão olhar para uma paisagem triste e devastada", profetiza o líder indígena.

O que mantém o ânimo dos integrantes da UNI é a perspectiva de poder trabalhar para uma geração que fará o futuro do país. "Ficamos porque vimos nos olhos dos jovens e das crianças uma esperança e queremos ajudar", diz Ailton Krenak. Esse mesmo brilho que eles, índios, mantêm aceso em seus olhos. Os integrantes da UNI são na maioria jovens de até trinta anos, ou pouco mais, representantes de 180 tribos e mais de 200 mil pessoas, que resolveram trabalhar por sua gente e também pelo homem branco: "Queremos juntar forças e dar um presente para o branco, um mundo onde se possa respirar", diz o coordenador da UNI.

Nessa tarefa ele é apoiado por representantes de outras nações indígenas, alguns veteranos na vida urbana, outros recém-chegados da aldeia e ainda perplexos com a vida que se leva do lado de cá, como é o caso do jovem líder ianomami Davi Kopenawa, ganhador do Prêmio Global 500, dado recentemente pela Organização das Nações Unidas (ONU), pela sua luta em defesa do meio ambiente. "Sempre vivi na

floresta, mas tive de sair e vir para a cidade contar que chegou branco na minha terra e de meu povo para destruir", diz Kopenawa, num português carregado de erros e sotaque. "Aqui eu parece sentado caixa. Passarinho na gaiola", diz ele, nostálgico.

Gente como Kopenawa e Krenak, representantes de um povo em vias de desaparecimento, pretende fazer no núcleo um espaço aberto para manter viva a cultura indígena. Engana-se quem pensa que a Casa do Sertanista, agora com novos inquilinos, irá transformar-se num museu ou coisa parecida. A intenção da UNI é permitir que ali se dê uma confraternização dos irmãos terenas, xavantes, guaranis, ianomamis, crenques, entre tantos outros espalhados pelo país.

Eles não querem tutela, verbas, nem tampouco funcionários do Estado. "Só queremos a casa", avisa Krenak. "Os índios não precisam de proteção. Para nós chega a Funai, que está podre e ficando pior que o antigo Serviço de Proteção ao Índio." Os crenques hoje não chegam a 200 pessoas divididas entre suas terras em Minas Gerais e Espírito Santo, em disputa com fazendeiros, e o pequeno Município de Vanuíre, no interior de São Paulo. Unificar, pelo menos no plano cultural, essas famílias que o homem branco separou é uma das metas que a UNI pretende alcançar com seu trabalho na Casa do Sertanista. Os integrantes do núcleo de cultura prometem que ali irá nascer uma esperança para manter viva a história e tradição dos índios brasileiros.

AILTON KRENAK

"Não queremos tutela"

